



A REJEIÇÃO AO CORPO EM *FRANKENSTEIN*: UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO DISCURSO DO CRIADOR ACERCA DA CRIATURA

Givanildo Modesto Sertório de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: givanildom@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem como uma de suas marcas a afirmação de padrões e tendências socialmente desejáveis ('aceitáveis', parece ser mais adequado). Aos sujeitos são impostos modelos. De forma exagerada (quicá patológica), as pessoas buscam adequar-se a esses modelos, definidos como consenso, mas, muitas vezes, inalcançáveis. Essa ânsia pela adequação a modelos pré-definidos leva, por exemplo, homens e mulheres à corrida pela adaptação a (in)justas medidas, mesmo que esse ajuste lhes provoque sufoco e desconforto. O corpo ideal é tomado como parâmetro para a aceitação social dos indivíduos e a adequação ao modelo é um expediente eficaz contra a rejeição social e o seu subproduto: a autorrejeição. A incerta garantia do "aplausos" alheio, resultante do esforço de adaptação aos padrões, é, ao mesmo tempo, garantia da autoaceitação. O corpo deve ser compreendido, portanto, como "objeto de interação e adaptação ao meio em que vive" (SANTOS et al., p. 136). Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo analisar os fundamentos e as condições de enunciação de discursos relativos à aparência física pelo personagem Victor Frankenstein, no capítulo V do romance gótico *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*, escrito no século XIX pela romancista inglesa Mary Shelley (2001).

METODOLOGIA

Os enunciados discursivos atribuídos ao personagem de Vitor Frankenstein foram analisados à luz da teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau. Considera-se aqui a existência de um contrato comunicacional entre Mary Shelley (Eu-comunicante), que dá voz ao personagem (Eu-enunciador) e o leitor (auditor ideal e Tu-interpretante). A análise foi realizada considerando-se, ao mesmo tempo, a natureza narrativa do romance e o modo descritivo de organização do discurso atribuído ao personagem de acordo com a



intenção do autor. Esta abordagem está fundamentada na proposição de Charaudeau (2016, p. 109) de que um “um texto é sempre heterogêneo, do ponto de vista de sua organização”. Efetivamente, de acordo com a situação de comunicação na qual e para a qual foi concebido, um texto comporta diversas ordens de organização do discurso, escolhidas pelo sujeito comunicante na intenção de alcançar o sujeito-interpretante (MACHADO, 1992 e MACHADO; MENDES, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início da era moderna, por volta do século XV, a padronização estética a partir de modelos concebidos no centro da civilização ocidental tem afetado diversas sociedades ao redor do mundo. Os padrões sofreram modificações ao longo do tempo e homens e mulheres viram-se instados a se metamorfosear de modo a melhor adequar-se às (in)justas medidas definidas como ideais. Sobretudo no último século, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, os padrões estéticos definidos como ideais ganharam uma amplitude extraordinária. A mídia, segundo Santos et al (2013, p. 136), “cria expectativas em torno do corpo, expondo de maneira significativa um modelo corporal dificilmente alcançado pelos indivíduos, tornando a busca da beleza física uma preocupação de ambos os sexos”. A ideia de um corpo ideal é alimentada, também, pelo discurso científico, pela medicina em especial, que preconiza a “exacerbação do cultivo à forma física e ao embelezamento corporal”. (FONTES, 2002, p. 3). A busca permanente pelo corpo saudável e os esforços, nem sempre bem sucedidos, de adequação ao padrão estético ideal são, frequentemente, identificados como fontes de frustração. Essas formas contemporâneas de tratamento em relação à estética corporal foram largamente impulsionadas pelo romance gótico, cuja emergência pode ser situada na Inglaterra entre os últimos decênios do século XVIII e as duas primeiras décadas do século XIX.

Tomado aqui como exemplo, o romance gótico Frankenstein, datado de 1818, antecipa e põe em evidência alguns elementos que, nos dois séculos subsequentes, serão contabilizados no debate sobre padrões e diferenças no tocante ao corpo. No capítulo V, objeto de análise no presente trabalho, o personagem nomeado Vitor Frankenstein, o criador, expõe suas considerações diante do resultado do projeto ao qual havia dedicado anos de sua vida. Aos procedimentos discursivos dedicados à descrição da criatura, o Eu-



enunciador acrescenta considerações de ordem subjetiva. Trata-se, de acordo Charaudeau (2016, p. 125), de uma construção subjetiva porque construída “através de sua própria visão, a qual não é necessariamente verificável”. A presença do “imaginário pessoal” na descrição pode ser comprovada pela presença de adjetivos ou de expressões de sentimentos suscitados pelo aspecto físico da criatura: “hediondo hóspede” e “espectro repulsivo” são algumas das fórmulas utilizadas para descrevê-la. Sobre as disposições afetivas alimentadas por sua presença, enuncia o criador: “um ser que me enchia de terror e repulsa”, “uma múmia saída do sarcófago não causaria tão horripilante impressão”. E mais: “incapaz de suportar aquela visão apavorante”, “senti o gosto amargo da decepção”. Toda a encenação descritiva é produzida com efeito de confidência. As reflexões pessoais a respeito da criatura, expressas ao longo de todo capítulo, são reforçadas com os qualificativos “apavorante”, “miserável”, “horripilante”, “infernai”, “hediondo”, “inimigo” e “repulsivo”. O expediente utilizado para situar no tempo o nascimento da criatura, “numa noite lúgubre de novembro”, afina-se com as imagens evocadas para descrevê-la: “uma múmia saída do sarcófago” ou uma aparição apropriada ao “inferno dantesco”. Enfim, os procedimentos linguísticos adotados pelo eu-enunciador para nomear o objeto da sua criação indicam um claro distanciamento: ao invés de atribuir-lhe um nome próprio, abusa de substantivos comuns, como criatura ou monstro.

CONCLUSÕES

No ordenamento interno dos elementos descritivos atribuídos ao eu-enunciador, a autora, compreendida aqui como o eu-comunicante, abusa dos adjetivos para referir-se ao objeto da criação, cuja característica mais evidente é a absoluta inadequação aos padrões estéticos vigentes. A princípio, o procedimento contribui para validar as atitudes de exclusão da criatura, como de todos aqueles que, por razões distintas, distanciam-se dos modelos. Tomadas isoladamente, as escolhas linguísticas com as quais foram construídos os discursos do personagem (eu-enunciador) parecem indicar a adesão da autora (eu comunicante) às fórmulas dominantes de compreensão relativa ao corpo, das quais iriam resultar, na contemporaneidade, os fenômenos do preconceito estético e da autorrejeição.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Semiolinguística; Frankenstein.



REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2016.

FONTES, M. Mídia, mulheres deficientes e cultura: Uma análise dos processos de afirmação cultural do corpo feminino ideal e de rejeição ao corpo deficiente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25. *Anais...* 2002, Salvador. Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/nucleos_np13.htmAcesso em: 08 fev. 2019.

MACHADO, I. L. A Semiolinguística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva. *Contexto*. Vitória, n.1-2, p. 26-31, 1992. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/7041/5176>. Acesso em: 16 out. 2018.

MACHADO, I. L.; MENDES, E. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 13, n. 2, p. 7-20, 2013. Disponível em: <https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/50/52>. Acesso em: 16 Out. 2018.

SANTOS et al. A busca pela beleza corporal na feminilidade e masculinidade. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 21, n. 2, p. 135-142, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/3575/2603>. Acesso em: 04 Maio 2019.

SHELLEY, M. *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.